

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

**DAS ESCRITAS DE SI E DAS MOBILIDADES:** memória social de uma migração cearense para São Paulo.

Vilarin Barbosa Barros  
Doutorando em História PUC/SP  
vilarin.barros@uece.br

**RESUMO.** A pesquisa tem como objeto de estudo a memória social de migrantes cearenses através de cartas de populares. Esta proposta possibilita captar sociabilidades, sensibilidades e afetividades que marcam o deslocamento desses sujeitos. As correspondências estudadas datam de 1972 a 2009. O recorte temporal permite, pela peculiaridade das fontes e sua extensão no decorrer de décadas, analisar pontos de vistas, protagonismos e trajetórias de sujeitos, indo desde uma época em que era comum o uso do rádio como vínculo mais direto de comunicação até a popularização da internet como meio de comunicação direta na primeira década do século XXI. As principais fontes são as 266 cartas de migrantes, apesar de recorrer-se também: a manuais epistolares, aos diários, a cartões de felicitações, a fotografias, a entrevistas, etc., visando recompor tramas cotidianas de indivíduos marcados por expressões de experiências coletivas. Comparando e contrastando as fontes, tem-se como perspectiva a História Cultural.

**Palavras-chave:** Cartas; migração e memória.

**Descrição de um documento: uma primeira pista.**

Sabendo que em uma pesquisa em história necessita-se de um gesto de selecionar as fontes para o início do trabalho, então, que tal aqui iniciar por uma missiva?

É verdade que isso bem pode ser melhor detalhado, como por exemplo, a partir das duas imagens abaixo, onde encontram-se: a primeira folha de uma carta (Figura 1) enviada de Itaí e o seu envelope (Figura 2). Ao que consta a missiva foi escrita e postada em 27 de agosto de 2001 em São Paulo.

**Figura 1**

**Figura 2**



# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

2

Abaixo o conteúdo da carta aqui em destaque, onde traz:

Itaí, 27/08/2001. Jesus ama você e nossa filha e eu também!!! Meu mundo é você! Se no seu mundo existe um pouco de mim, sei que neste pouco de mim existe muito de você. Olá Aurora tudo bem com você e nossa filha? Comigo graças a Deus está tudo bem e o mesmo desejo que quando esta chegar em suas mãos encontre você e nossa filha com muita saúde e muita paz na graça de Deus nosso Senhor Jesus Cristo. Olha meu benzinho fiquei muito contente em saber que você e nossa linda filhinha estão ótimas, peço a Deus que continue sempre assim, porque vocês duas merecem toda felicidade que um ser humano pode ter. Aurora, vivo de coração partido por estar longe de você principalmente de nossa filhinha (carta datada de 27 ago. 2001)

Ao escrever a carta para Aurora, manifestando o desejo de encontros e do raiar de dias melhores, o missivista apresenta um papel florido com seus desenhos, verdejante de esperança, desejando a sorte de dias por vir. Inclusive, no canto direto superior (Figura 1) encontra-se o desenho de um trevo, que talvez represente tais sentimentos ou ainda diga do conteúdo da carta de homem que reivindica para si ser crente na "na graça de Deus nosso Senhor Jesus Cristo". Assim, o trevo que representa sorte, pode ser também visto popularmente como símbolo referente a Santíssima Trindade para os cristãos. Aliás, na parte inferior do papel da carta (Figura 1) aparecem três vezes desenhados os trevos.

Obviamente, com as descrições feitas sobre a missiva aqui apresentada neste tópico, não se objetiva esgotar os sentidos dessa fonte (Figura 1 e Figura 2), sequer seria necessário saber se foi o missivista que fez os desenhos (apesar de saber que não foi!), e se escreveu a carta (isso é sabido que foi!), ou ainda o que representou aquele desenho no canto superior direito (Figura 1), ao que parece uma planta carnívora de boca pintada de vermelho e olhar brilhante (uma esfinge na carta!), mas, o que interessa é perceber a riqueza e possibilidades de desvendar e restaurar tramas de vidas com seus enigmas que se apresentam na escrita de si e da história.

## **Tratamento metodológico: uma possibilidade.**

As linhas que aqui serão tecidas não apenas parte de uma missiva, mas convergem para um "nome" (GINZBURG; PONI, 1989), visando compor uma espécie de redes de relações estabelecidas que possam permitir pensar trajetórias de vidas que diga, inclusive, de uma sintonia fina atrelada a migração de cearenses para São Paulo. Por esse viés objetiva-se possibilitar a captação de uma espécie de "imagem gráfica do tecido social em que o indivíduo está inserido" (GINZBURG; PONI, 1989, p. 175).

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

3

Quanto a carta enviada de Itaipava-SP, em 27 de agosto de 2001, o missivista distante de sua família procura fazer-se presente e informa que vive "de coração partido por estar longe", principalmente, de sua "filhinha" que, na verdade, ainda não a conhecia. Outros assuntos também foram tocados, como: a ideia de felicidade atrelada ao viver junto de todos os familiares, esses que rezavam e torciam por ele; a gratidão pelas "lindas palavras de conforto" manifestadas através de cartas; "pela homenagem do dia dos pais" e por "saber que tem uma filha e uma linda esposa a sua espera". Muito do que se encontra nessa carta de agosto de 2001, como: os papéis sociais manifestados, inclusive, através da instituição família, os valores religiosos e a cumplicidade com os sujeitos deslocados, distantes, desorientados, podem ser encontrados, com certas aproximações, noutras cartas de migrantes.

Assim, é por esse viés a possibilidade de entender um dos sentidos contido no "oxímoro excepcional/normal: o testemunho-documento pode ser excepcional porque evoca uma normalidade, uma realidade tão normal que ela permanece habitualmente calada" (GRENDI, 1998, p. 257).

Ainda sobre a correspondência de agosto de 2001, ela foi assinada por Marcelo e destinada a Aurora, esta que seis anos antes, em 1995, era inquerida pelo amante: "você quer ficar comigo?" Nessa ocasião o missivista se despediu deixando: "um beijo deste que não quer ser na sua vida o começo de um fim, nem o fim de um começo, mas quer ser na sua vida o início de um começo sem fim" (carta datada de 30 nov. 1995).

Com a Aurora é que foram encontradas as correspondências aqui mencionadas, juntas ao seu acervo documental de quase 300 cartas, disponibilizada para ser consultada pela pesquisa. Dessas, 105 estão mais relacionadas há um tempo em que Marcelo e Aurora se conheceram. Sobre a carta enviada de Itaipava-SP, em 27 de agosto de 2001, ela apresenta algo também com traços de excepcionalidade, pois partiu do seguinte endereço: Rodovia Eduardo Saich, Km 292.5, ou seja, da Penitenciária Cabo PM Marcelo Pires da Silva. Sim, foi lá que o missivista passou um tempo de sua vida com a liberdade de ir e vir privada.

Talvez, ao se posicionar diante dessa carta e pensar os fios que podem ser tecidos, os rastros de uma história e seus sentidos, a pesquisa possa mesmo se encontrar

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

4

diante de algo com traços históricos de excepcionalidade, mas, como bem é sabido, ao pensar certo tratamento metodológico, um como fazer, esses documentos bem podem servir "como espias ou indícios de uma realidade" (GINZBURG; PONI, 1989, p. 177) ocultada, as vezes banalizada, normalizada, mas que através do uso de cartas de populares na pesquisa, pelo viés da abordagem da micro-história, pode tornar possível atingir níveis mais profundos de análises da vida que, na verdade, já estão embutidas no cotidiano, nas regras de seu jogo. (GINZBURG; PONI, 1989, p. 177)

Dos rastros investigados pelo trabalho a carta mais antiga trocada entre o casal, Marcelo e Aurora, foi a de novembro de 1995, contendo confidências amorosas e promessas de uma vida inteira vivendo juntos; um tanto diferente da realidade tecida quando Marcelo vivia de coração partido, conforme ressaltou na carta de agosto de 2001. Essa correspondência não seria a última e, talvez, seja pertinente alertar que, entre 1995 e 2001, toda uma trama vivida, experiências de vida, tensões cotidianas entre São Paulo e os lugares de partida, podem ser recompostas, contadas a partir da análise das cartas trocadas que envolvem as histórias desses amantes. Todavia, como desenvolver o enredo dessa história?

É preciso dizer que o Marcelo nasceu em Brasília-DF, filho de migrantes cearenses, e em seus primeiros dias de vida passou a viver em Quixeramobim, no Sertão Central do Ceará, deixando essa cidade apenas quando em sua fase adulta, com 21 anos, emigrou para Fortaleza e logo se destinou para Santo Amaro-SP, em 1988. Estando em São Paulo teve sua Carteira de Trabalho assinada apenas em outubro de 1991 quando passou a exercer o cargo de "Copeiro" na empresa: "Gran Park Comestíveis LTDA"<sup>1</sup>. No começo do século XXI ele retornaria a Quixeramobim. Já Aurora é natural de Valença-PI, e, com 22 anos, em 1993, emigrou para Barueri-SP onde trabalhou entre o período de 2 de maio de 1995 e 18 de setembro 1996 na empresa "Di Lella's Lavanderia Indústria LTDA"<sup>2</sup>, no cargo de "Ajudante geral". É nessa empresa que Aurora e Marcelo se encontraram.

---

<sup>1</sup> As informações foram extraídas da Carteira de Trabalho do Marcelo e tendo por base uma das entrevistas realizadas pela pesquisa em 30 de outubro de 2020.

<sup>2</sup> As informações foram extraídas da Carteira de Trabalho da Aurora e tendo por base uma das entrevistas realizadas pela pesquisa em 13 de julho de 2020.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

5

A primeira filha do casal nasceu em São Paulo no ano 2000 e, quando bolsista de Iniciação Científica no ano de 2019<sup>3</sup>, agora morando no Ceará, confidenciou que em sua casa todo mundo nasceu em um lugar diferente.

Parece mesmo que tornar-se sujeito no mundo diz muito de trajetória, circulação e transfiguração. Esta, por sua vez, exige que o sujeito "abraze conscientemente a parte fragmentada da sua própria vida; que ele se obrigue a desvios e reconciliações, por vezes improváveis; que opere nos interstícios" (MBEMBE, 2017, p. 247), no intuito de expressar coisas que habitualmente dissociamos; como viver partido, deslocado, desterrado e na condição de e/imigrante.

Nesse sentido, partindo da carta destacada, tendo ciência de uma história "excepcional/normal" (GINZBURG; PONI, 1989) e fazendo uso da micro-história, talvez seja possível investigar as relações em uma escala reduzida, por um lado, permitindo "em muitos casos uma reconstituição do vivido impensável noutros tipos de historiografia" (GINZBURG; PONI, 1989, p. 177-178), e por outro lado, propor-se a "indagar as estruturas invisíveis dentro das quais aquele vivido se articula" (GINZBURG; PONI, 1989, p. 177-178).

Eis um caminho de análise e tratamento metodológico possível de se tecer...

## **Sobres os objetivos da pesquisa**

Ao pensar a memória social por sujeitos que partiram do Sertão Central cearense para São Paulo é possível rastrear uma rede de relações de e/imigrantes, através de escrituras das mobilidades, e captar sensibilidades, emoções, sociabilidades e afetividades, observando inclusive, indivíduos e as estruturas objetivas que marcaram a vida de sujeitos envolvidos em um processo de deslocamento para São Paulo.

Nesse sentido, cabe um posicionamento que poderá levar a observar quatro caminhos, que envolvem: primeiro, a investigar a vida cotidiana de migrantes cearenses em São Paulo, percebendo como se deu a elaboração de identidades e diferenças corporificadas nas suas missivas, visando a restauração de tramas do dia-a-dia,

---

<sup>3</sup> Projeto de Iniciação Científica intitulado: "Migração, memória social e escrita de si" financiado pela Universidade Estadual do Ceará – UECE e coordenado por Vilarin Barbosa Barros. Como bolsista o projeto contava com Ingrid Thayná, responsável por localizar o acervo de cartas de Aurora (sua mãe).

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

6

especialmente, observando as condições de um tornar-se e/imigrante, na interface estabelecida entre o lugar de partida e São Paulo, atentando para os papéis sociais assumidos por esses sujeitos em contexto de deslocamento; segundo: a reconstituir as sensações de ausência produzidas nas missivas em contexto de deslocamento, discutindo assim os paradoxos vivenciados na imigração, especialmente o sentimento nostálgico provocado com a ruptura cotidiana, com a emigração. Um sentido gestado com o desterro, com a sensação de terra partida, conduzindo a compreender as manifestações do desejo de retorno, observados a partir das cartas, manifestações de desejos de manutenção de vínculos, de laços afetivos, bem como a vontade de se fazer presente na ausência. Assim, serão estudadas as emoções e sensibilidades na composição das missivas, como: saudade, rancor, amor, dor, rupturas, desabafos e confidências.

Um terceiro momento pode ser marcado pela análise da oralidade nos escritos das mobilidades, entre a norma e a prática da escrita, em um transitar de valores dos sujeitos que se correspondem. Todavia, aqui caberá pensar também as tensões cotidianas, provocadas especialmente pela racialização dos imigrantes sertanejos vivendo em São Paulo. Assim, será observado como eles recordam suas experiências de vida, envoltos em estranhamentos culturais e discriminações raciais, mas também como escreveram sobre si quando precisaram contar suas histórias mandando notícias aos familiares e conterrâneos, de maneira geral, através de cartas quando viviam fora do lugar partido. Essas correspondências serão percebidas por elas e em comparação com os próprios manuais epistolares, que além de serem consultados, necessitaram de na sua produção dialogar com as experiências vividas por esses imigrantes do Sertão Central cearense. Tais manuais precisaram manter uma sintonia com esse público e com o próprio fenômeno desse deslocamento para São Paulo. Já os missivistas precisavam se comunicar e se esforçavam na escrita de cartas, inclusive, como resposta aos sujeitos que não emigraram.

Em um quarto momento objetiva-se estudar, a partir das cartas, trajetórias de vidas das imigrantes e a configuração de contextos históricos numa perspectiva qualitativa, possibilitando descobertas de aspectos microssociais da migração na contemporaneidade. Por esse viés será pensado a produção de subjetividades em relações

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

7

de gênero, discutindo possíveis configurações de afetos, amores e dores, mas ainda de papéis sociais e hierarquias forjadas em práticas cotidianas. Para perceber as ambiências vivenciadas por essas pessoas, será necessário pensar seus protagonismos em "rede" através da análise de outras fontes e linguagens, a exemplo de manuais epistolares, entrevistas, etc., para captar maneiras múltiplas de sentir, pensar e dizer a experiência do deslocamento.

## Entre os fios e os rastros da pesquisa

Para apresentar o acervo documental da pesquisa e situar o leitor na observação da lista de documentos não será preciso mais dizer que tudo começa com um gesto de selecionar em uma "operação historiográfica" (CERTEAU, 1998, p. 17), mas, mesmo que sucintamente, falar um pouco sobre o posicionamento adotado mediante a construção de um conjunto de fontes, como por exemplo: primeiro ocorreu a identificação de uma pessoa ou mais do sertão central cearense, que viveu a experiência de e/imigrante em São Paulo para ser estabelecido um contato e realizada uma entrevista. A cada diálogo estabelecido, tornou-se possível a identificação de outro sujeito que emigrou. Por esse caminho foi possível mapear mais de 20 pessoas e realizar entrevistas com elas, principalmente depois de uma experiência como bolsista de iniciação científica, em 2004 e 2005, no projeto: "Emigrantes e Imigrantes – Trânsito de culturas entre o sertão central cearense e as grandes metrópoles brasileiras"<sup>4</sup>, que vai marcar o perfil das pessoas selecionadas e que hoje compõem na pesquisa. Ou seja, homens e mulheres que nasceram no sertão central cearense e, das grandes metrópoles brasileiras, emigraram para São Paulo vivendo certo tempo a condição de imigrante e depois a de retornados na terra natal. A tabela 1 abaixo apresenta, resumidamente, quem são às pessoas entrevistadas:

**Tabela 1:**

QUADRO INICIAL DOS ENTREVISTADOS

NOME	IDADE	DATA DA ENTREVISTA
Alderiza Silva de Sousa	44	Jul./2005
Antônio Teixeira da Silva	38	Nov./2004

<sup>4</sup> Projeto financiado pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), coordenado pelo Prof. Dr. Alexandre de Almeida Barbalho, do colegiado de História, no campus da Universidade Estadual do Ceará, localizado em Quixadá-CE.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

8

Antônio José Jorge	52	Mar./2005
Aurora	49	Jul.2020
Eliana Lima da Silva.	42	Mar./2005
Erivan Camusca Lopes	44	Ago./2005
Francisco Cláudio Laurentino de Lima	45	Set./2006
Gilberto Nunes da Silva	42	Set./2005
Gilberto Teixeira da Silva	34	Abr./2005
José Américo Soares	49	Mar./2005
José Francisco Silva	69	Jan./2020
Manuel (pseudônimo)	53	Out./2011
Marcelo	52	Ago./Set./2020
Margor-Marly (pseudônimo)	58	Abr./Jun./2009
Maria Aurinete Oliveira Silva	37	Dez./2004
Maria Lúcia da Silva	67	Jul./2011
Nazareno Firmino da Silva	34	Out./2006
Pedro Dehon da Silva	44	Nov./2004
Sebastião Félix da Silva	71	Mar./2011
Valquíria de Holanda Miranda	54	Mai/2005

**Tabela 2:**

## PERFIL DOS MIGRANTES ENTREVISTADOS

NOME	IDADE MIGRAÇÃO	ORIGEM	DESTINO	ANO DA EMIGRAÇÃO
Alderiza Silva de Sousa	22	Quixadá-CE	Bela Vista-SP	1983
Antônio Teixeira da Silva	20	Quixadá-CE	Barueri-SP	1986
Antônio José Jorge	23	Quixadá-CE	Pirituba-SP	1976
Aurora	22	Valença-PI	Barueri-SP	1993
Eliana Lima da Silva.	22	Quixadá-CE	Barueri-SP	1985
Erivan Camusca Lopes	22	Ibaretama-CE	Tatuapé-SP	1983
Francisco Cláudio Laurentino de Lima	26	Quixadá-CE	Diadema-SP/ São Carlos- SP	1987
Gilberto Nunes da Silva	20	Quixadá-CE	São Bernardo – SP	1987
Gilberto Teixeira da Silva	18	Quixadá-CE	Barueri-SP	1989
José Américo Soares	21	Quixadá-CE	Pirituba - SP	1977
José Francisco Silva	22	Quixadá-CE	Iepê - SP	1973
Manuel (pseudônimo)	26	Quixadá-CE	Bela Vista-SP	1984
Marcelo	21	Quixeramobim-CE	Santo Amaro-SP	1988
Margor-Marly (pseudônimo)	25	Quixadá-CE	Bela Vista-SP	1976
Maria Aurinete Oliveira Silva	21	Banabuiú-CE	Barueri-SP	1988
Maria Lúcia da Silva	28	Quixadá-CE	Consolação-SP	1972

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

9

Nazareno Firmino da Silva	22	Quixadá-CE	Santo Amaro-SP	1994
Pedro Dehon da Silva	19	Quixadá-CE	Pirituba-SP	1979
Sebastião Félix da Silva	22	Quixadá-CE	Caiuá-SP/ Bela Vista-SP	1962
Valquíria de Holanda Miranda	22	Quixadá-CE	São Bernardo-SP	1973

As entrevistas realizadas tem uma média de 90 minutos gravação e encontram-se todas transcritas. Os nomes que constam na Tabela 1, quando tem por objetivo não revelar a identidade da pessoa que colaborou com a pesquisa, aparecem apenas no primeiro nome ou mesmo representados por um pseudônimo. Todas as pessoas emigraram do Sertão Central cearense para São Paulo e depois retornaram. A exceção a essa regra é a Aurora, natural de Valença-PI, ela casou-se com o Marcelo, esse de "origens" (MBEMBE, 2017) de Quixeramobim-Ce, onde vivem depois que regressaram de São Paulo. Aurora tem em seu acervo pessoal 293 cartas, sendo 105 do período em que conheceu Marcelo quando os dois viviam na condição de e/imigrante.

Já sobre a Tabela 2 desenha-se um pouco do perfil do migrante, suas origens, para onde emigraram, a idade que foram para São Paulo e ano de partida.

Depois dialogar com esses sujeitos e mobilizar toda uma rede de relações de indivíduos que, em certa medida, tiveram conhecimento das idas e vindas de sertanejos para São Paulo, e mais, divulgando o interesse da pesquisa em apreender um pouco mais com quem viveu essas experiências do deslocamento, manifestando o desejo de conduziu suas falas para outros lugares, foi que tornou-se possível ser presenteado pelo filho da Margor-Marly, com um audiovisual contido em um suporte digital, gravado no ano de 1991 por migrantes cearenses que moram em São Paulo.

Tal registro condido em um CD, inicialmente, compõe o acervo da pessoa que vos fala desde o ano de 2008. Quando no ano de 1991, de férias em sua terra natal, alguns migrantes cearenses trouxeram na bagagem, gravações de momentos festivos, e também, mensagens de alguns amigos proferidas aos seus familiares que estavam no distrito de Custódio, Quixadá-Ce. Ao chegar nesse distrito, além de mostrarem o material que tinham em mãos, realizaram outras filmagens de paisagens desse lugar e colheram alguns depoimentos de conterrâneos com o propósito de retornar com essas imagens e falas para

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

10

a cidade paulista. Tal material de mais de 90 minutos de gravação, salvo em formato digital e já transcrito, pode ajudar na recuperação também de sentimentos daqueles e daquelas que não emigraram, trazendo seus pontos de vista e expectativas geradas por familiares para com aqueles que se encontravam em São Paulo.

Sobre as escritas de si, compõe o acervo dessa pesquisa 292 cartas que registram mais diretamente as relações de migrantes cearenses com São Paulo. Elas foram fotografadas, transcritas e organizadas em ordem cronológica.

**Tabela 3:**  
CARTAS DOADAS

<b>Doadores</b>	<b>Município</b>	<b>Nº de Cartas</b>	<b>Missivistas</b>
Aurora	Quixeramobim	105	19
Gilberto Gilvan	Iguatu	56	21
José Enídio	Quixadá	26	34
Kacio Sayd	Quixadá	28	23
"Margor-Marly"	Quixadá	46	13
Fca. da Silva	Quixadá	3	2
Alderiza Silva	Quixadá	1	1
Oscarina Soares	Quixadá	10	5
Lúcia de Fátima	Quixeramobim	5	5
Ivoneide Quirino	Quixeramobim	12	11
<b>Total</b>		<b>292</b>	<b>134</b>

Na Tabela 3 acima um destaque para as 293 cartas doadas pela Aurora, natural de Valença-PI. Dessas centenas de fontes, 105 correspondências estão mais ligadas às relações estabelecidas entre São Paulo e o Ceará, tramadas pelas missivas da Aurora e do Marcelo, este, que desde a sua primeira infância tem fortes laços e origens em Quixeramobim, município localizado no Sertão Central do Ceará. Por isso, mesmo a entrevistada não sendo cearense ela terá papel importante no enredo da pesquisa. Ainda sobre a Tabela 3 quando na coluna "Missivistas" é destacado um total de 134, refere-se a quantidade de pessoas que aparecem mencionadas nas cartas.

As correspondências são pensadas em seus sentidos individuais, mas, também conectadas na pesquisa em todo o seu conjunto, podendo restaurar uma memória social de uma cultura da migração, e formas de pensar e dizer das escritas de populares, podendo por sua vez recuperar toda uma oralidade presente entre os que se correspondem. Ajuda

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

11

ainda a pensar práticas de sobrevivências, os sentimentos de ausências e as saudades registradas em contexto de deslocamentos. Permite enxergar os papéis constituídos e performances estabelecidas nos próprios gestos da escrita, nas mensagens proferidas, contadas, cantadas e desenhadas nas cartas. Elas estão fotografadas todas, vale lembrar, e podem ser elas mesmas correntes nas partidas, ligações vividas na interface entre o sertão cearense e São Paulo.

A pesquisa se vale também, depois de encontrar inúmeras cartas de populares, guardadas como memórias afetuosas em formato de "presentes de papel" (VENANCIO, 2001, p. 26) nos arquivos pessoais dos migrantes ou de seus familiares, de manuais epistolares. Estes, muitas vezes foram consultados pelos populares, a exemplo desses: "Modelos de Cartas de Amor: Mais de 150 modelos para noivos e namorados" (MARIA, 1965); "Aprenda as Boas Maneiras" (MARIA, 1958); "Correspondência Amorosa" (MACEDO, 1958); "Como Escrever Bem" (BARBOSA, 1970); "Como Escrever Qualquer Carta" (BARBOSA, 1958); "Novos Modelos de Cartas para todos os fins" (BARBOSA, 1971) e "As melhores cartas de amor: receitas infalíveis" (KEIZI, 1994).

Os manuais supracitados encontram-se em suas edições, datados de finais dos anos 1950 a meados dos anos 1990 e, normalmente, vêm em formato de bolso. Seus modelos de escrita dizem também de modelos de conduta, de como se comportar e trazem um alerta de que não devem ser copiados, devendo apenas inspirar na escritura das missivas (MARIA, 1965).

Quais modelos de cartas eles podem trazer?

Rompendo o namoro; De quem recusa uma declaração de amor; Do homem maduro para a moça jovem; De quem aceita fervente declaração de amor; Do homem feroso para a moça não menos; De quem se apaixonou numa festa de casamento; De um homem mais velho para uma jovem; Ao amado que se encontra distante; Início de correspondência através de uma coluna sentimental; Resposta da garota da coluna sentimental; Carta de rompimento de noivado – I; Carta de rompimento de noivado –II; Carta de grávida cujo marido foi trabalhar longe; Carta da garota do baile; Carta a moça que trocou o amor por um partido político; Carta do moço inteligente a namorada ciumenta (KEIZI, 1994, n.p).

Todo esse material faz sentido compor o acervo para essa pesquisa, pois, todos têm como elo os migrantes entrevistados. Foi depois dos diálogos estabelecidos com esses sujeitos que esse acervo de documentos foi encontrado e constituído podendo ajudar a

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

12

restaurar trajetórias, histórias e memórias em sintonia com uma migração de cearenses para São Paulo.

Até aqui foi pensado metodologias, justificativas e fontes. Entretanto, ainda será preciso falar um pouco das categorias que por hora estão sendo mobilizadas. Essa é uma discussão a ser vista a seguir.

## **Uma questão de categoria**

Em um primeiro momento de observação, ao refletir sobre a memória social de migrantes cearenses como objeto de estudo, pode parecer evidente que a pesquisa trabalhará com as seguintes categorias: "memória" (FENTRESS; WICKHAM, 1992) e "deslocamento" (SAYAD, 1998); e, ambas categorias consideram uma conciliação do olhar tanto para o indivíduo quanto para expressões de relações que foram sentidas e vividas em processos sociais.

Todavia, se a estratégia de análise pressupõe a valorização dos protagonismos dos e/imigrantes, percebidos a partir de uma mobilização de "redes" (TRUZZI, 2008) de relações sociais constituídas historicamente, é cabido pensar algo que é comum a todos, ou seja, a "cultura" (WILLIAMS, 2015). Inclusive, ciente de que toda sociedade tem suas formas próprias de se manifestar, aludindo os seus propósitos, suas vivências, ambiências e seus sentidos, podendo expressar tudo isso através das instituições, de suas artes, e de seus conhecimentos. Aliás, na formação de uma sociedade detecta-se significados e direções comuns desenvolvidos "no debate ativo e no seu aperfeiçoamento, sob a pressão da experiência, do contato e das invenções, inscrevendo-se na própria terra" (WILLIAMS, 2015, p.5).

É verdade também que ao pensar "cultura" pelos termos acima mencionados, uma canção de 1965 parece sintonizar-se ao enredo deste trabalho, sendo desenvolvido da seguinte forma:

Eu vou contar seu moço/ Por que deixei meu Sertão/ Não foi pru falta de inverno/ Não foi pra fazer baião/ Não foi pru falta de inverno/ Não foi pra fazer baião/ É que todo sertanejo/ Sempre tem essa ilusão/ Conhecer cidade grande/ E põe nas costa um matulão/ Pensa que cá na cidade/ Não existe exproração.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> A canção "O bom filho a casa torna" de João do Vale foi lançada no ano de 1965. Álbum: O poeta do povo.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

13

O artista maranhense, João do Vale, traz elementos na letra da música que acenam para o deslocamento acontecido em grande quantidade, no Brasil dos anos 1950, envolvendo os grandes centros urbanos, principalmente para o Sudeste, destino escolhido nesse período também pelo referido compositor. Em virtude desse intenso fluxo migratório, tocado na canção, nos anos 1970 a população brasileira consolidaria um novo perfil, passando a ser maioria urbana.

Através da canção o autor procurou reconstituir o desejo vivido por muitos sertanejos, que ele percebe e define, em meados de 1960, como sendo uma ilusão, ou seja, a ideia de partir para a cidade grande abandonando, por um instante, o Sertão. Tal discurso pode ser pensado não apenas como um engano e os sertanejos como iludidos, mas, esse raciocínio passa também por uma necessidade de ficcionar a realidade, ficções que são assumidas ajudando a justificar a emigração e se estruturam como ferramentas cognitivas, mobilizando sujeitos, partidas e esperanças de dias melhores (JABLONKA, 2017, p. 13).

Ao mesmo tempo em que o compositor fala de si, de um sujeito e/imigrante, deslocado de sua terra natal, diz também de experiências sociais forjadas com os deslocamentos, trata de valores constituídos com a terra partida, inclusive, expressada na própria ideia de migrante sertanejo vivendo a exploração de seu trabalho nas grandes cidades. Talvez aqui não só seja possível mobilizar as categorias de cultura, memória e deslocamento, como também pensar a ideia de uma "cultura de migração" (CAVALCANTE, 1997) que fora inscrita no terreno dessa história.

Entretanto, é preciso avançar na discussão sobre as categorias, atentando para os protagonismos dos sujeitos e como esses são acessados, através de indícios como as chamadas "escritas de si" (GOMES, 2004) e "escrituras das mobilidades" (GÓMEZ, 2011). Nessa situação posta torna-se sedutor pensar subjetividades, sentimentos e a categoria "sensibilidade" (MATOS; TRUZZI, 2015); esta que, como manifestação no mundo, bem pode ser traduzida "em sensações e emoções, na reação quase imediata dos sentidos afetados por fenômenos físicos ou psíquicos, uma vez em contato com a realidade"(PESAVENTO, 2007, p. 10). Eis um caminho para pensar passados que se fazem presentes através das memórias sobre os deslocamentos.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

14

Contudo, se o olhar aqui lançado, de forma retrospectiva, configurar-se no sentido de perceber um caminhar, uma trilha, as veredas de uma pesquisa que passa por uma investigação dos "rastros de uma migração" (BARROS, 2019); pela valorização de sujeitos históricos em suas subjetividades, conciliadas à estruturas sociais objetivas; por uma necessidade de problematização de memórias; ou mesmo pelo desejo de compreender afetividades, sensatividades e sensibilidades, preocupando-se em restaurar tramas de vidas (MATOS, 2002), a categoria basilar e em destaque é mesmo "cotidiano" (MATOS, 2002).

Ainda que por vezes o cotidiano herde o sentido de rotina, onde as coisas são apresentadas sempre da mesma forma, adversa à inovação, há uma resignificação dessa categoria onde é percebida uma "rotinização" (PAIS, 2003, p. 29), ou seja, passa a ser "considerado do ponto de vista da sua regularidade, normatividade e repetitividade, o cotidiano manifesta-se como um campo de ritualidades" (PAIS, 2003, p. 28), suscetíveis de análises históricas, pensadas na sua elaboração de sentidos, percebido entre "estratégias e táticas" (CERTEAU, 1994) de sobrevivências, pulsante em vida.

Com percepção possível de ser aproximada a de José Pais (2003), encontra-se Silvia Petersen (1994), onde o cotidiano diz de sua elaboração com o passar do tempo, com o acostumar-se, como produto de práticas no dia-a-dia, dependendo de "ajustamentos tanto na escolha e apropriação simbólica dos lugares, como nas relações de vizinhança, nas repetições cotidianas de gestos, palavras, itinerários, convivências" (PETERSEN, 1994, p. 123).

A rotina aparece assim, no estudo do cotidiano como uma perspectiva analítica, pensada como um habitar, estruturada depois de um "criar hábitos" (PETERSEN, 1994, p. 123) em dias após dias.

Por fim, talvez caiba pegar carona na canção "cotidiano"<sup>6</sup>, para dizer que este não pode ser "sempre igual". Na verdade, ele é ritualizado, disciplinado, normalizado: de manhã levantar, quem sabe ser acordado todo dia as "seis horas da manhã"; e é dinâmico: levar, esperar, afastar, amar, beijar, sufocar, pavor: "penso em dizer não"; e marcado por afetos, quem sabe revelados em beijos com o frescor do "hortelã", com sabores de "café",

---

<sup>6</sup> Canção "Cotidiano", de Chico Buarque, lançada em 1971.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

15

em sorrisos matinais, através de papéis sociais, ou dessas "coisas que diz toda mulher". Afinal, ao notá-lo com sensibilidade (PESAVENTO, 2007, p.10) e passar a olhar com certa astúcia o "cotidiano", é bem possível perceber todo dia sabendo que ele não é mesmo sempre igual.

## Referências Bibliográficas

- BARBOSA, Osmar. **Como escrever bem:** guia de redação com 140 modelos de composições. Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1970.
- \_\_\_\_\_. **Como escrever qualquer carta:** correspondência familiar, social, amorosa, comercial, oficial e forense. Requerimento, ofícios, telegramas e dedicatória. Rio de Janeiro, Tecnoprint S.A, [ca. 1958].
- \_\_\_\_\_. **Novos Modelos de Cartas para todos os fins.** Rio de Janeiro, Tecnoprint S.A. 1971.
- BARROS, Vilarin Barbosa. **Nos rastros de uma migração:** representações, memórias e sensibilidades. São Paulo: e-Manuscrito, 2019.
- CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. **A cristalização de uma cultura de migração no cotidiano de indivíduos, famílias e jovens interioranos do Ceará.** In: Revista do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico). T.CXI, Ano CXI, v.111. Fortaleza, 1997.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** 1. artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 9ª Edição, Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Operação histórica.** In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. História: novos problemas. Fco Alves, Rio de Janeiro. 1998.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX.** Prefácio de Ecléa Bosi, 2. ed. rev. São Paulo, Brasiliense, 1995.
- FENTRESS, James e WICKHAM, Chris. **Memória Social:** novas perspectivas sobre o passado. Lisboa: Editora Teorema, 1992
- GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo. **O nome e o como:** troca desigual e mercado historiográfico. In: GINZBURG, Carlo. A micro-história e outros ensaios. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- GOMES, Ângela de Castro. **Escritas de si, escrita da história.** Rio de Janeiro. Editora FGV, 2004.
- GÓMEZ, Antonio Castillo (et.al.). **Escritas das mobilidades.** Funchal (Portugal): Centro de Estudos de História do Atlântico. 2011. 837 p. Colección Debates.
- GRENDI, Edoardo. **Repensar a micro-história?** In: REVEL, Jacques (Org.). Jogos de escalas: a experiência da microanálise. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- JABLONKA, Ivan. **O terceiro continente.** *ArtCultura*, Uberlândia, v. 19, n. 35, p. 9-17, jul.-dez. 2017.
- KEIZI, Minami. **As melhores cartas de amor:** receitas infalíveis. São Paulo. Ed.2, Nova Sampa Diretriz e Editora LTDA. 1994.
- LUCAS, Meize Regina Lucena (Orgs.) **Tempo no Plural:** história, ensino, diversidade cultural. Fortaleza: Realce, 2008.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

16

- MACEDO, Manuel. **Correspondência Amorosa**. Rio de Janeiro. Editora Tecnoprint LTDA. 1958.
- MARIA, Dora. **Aprenda as boas maneiras**. Rio de Janeiro. Editora Tecnoprint LTDA. 1958.
- \_\_\_\_\_. **Modelos de cartas de amor: mais de 150 modelos para noivos e namorados**. Rio de Janeiro. Editora Tecnoprint LTDA. 1965.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. **Âncora de emoções: corpos, subjetividades e sensibilidades**. Bauru, São Paulo, Edusc, 2005.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cabelo, barba e bigode: masculinidade, corpos e subjetividades**. In: Locus: Revista de História, Juiz de Fora, UFJF, v. 17, n.02, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- MATOS, Maria Izilda Santos de; AVELINO, Yvone Dias (Orgs.). **Apresentação**. In: Deslocamentos: desafios, territórios e tensões (passado e presente nas tessituras das cidades). São Paulo: e-Manuscrito/ PIPEq, 2018. n.p.
- MATOS, Maria Izilda; TRUZZI, Oswaldo. **Saudades: sensibilidades no epistolário de e/ímigrantes portugueses (Portugal-Brasil 1890-1930)**. In: Revista Brasileira de História. São Paulo: v. 35, nº 70. 2015.
- MBEMBE, Achile. **Políticas da inimizade**. Tradução: Marta Lança. Lisboa, Antígona, 2017.
- NEVES, Frederico de Castro. **Do passado submerso: teoria e história em "Futuros amantes"**. In: RAMOS; Régis Lopes. LUCAS, Meize Regina Lucena (Orgs.) Tempo no Plural: história, ensino, diversidade cultural. Fortaleza: Realce, 2008.
- PAIS, José Machado. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo, Cortez, 2003.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Sensibilidades: escrita e leitura da alma**. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; LANGUE, Frédérique (org.). **Sensibilidades na história: memórias, singularidades e identidades sociais**. Porto Alegre, Editora da UFRGS. 2007.
- PETERSEN, Silvia Ferraz. **A renovação da historiografia e o tema da vida cotidiana: desfazendo alguns equívocos**. In: MUCH, Cláudia (org.) Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade. Porto Alegre/ Canoas / São Leopoldo: Ed. Universidade/ UFRS / Ed.ULBRA/ Ed. UNISINOS, 1994.
- PORTELLI, Alessandro. **O que faz a História Oral diferente**. In: Projeto. História, São Paulo, 14, fev. 1997.
- SAYAD, Abdelmalek. **A imigração e os paradoxos da alteridade**. São Paulo, Edusp. 1998.
- TRUZZI, Oswaldo. **Redes em processos migratórios**. In: Tempo Social: Revista de Sociologia da São Paulo: USP, v. 20, n. 1. 2008.
- VENANCIO, Gisele Martins. **Presentes de papel: cultura escrita e a sociabilidade na correspondência de Oliveira Viana**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 14, n.28, 2001.
- WILLIAMS, Raymond. **Recursos da esperança: cultura, democracia, socialismo**. Trad. Nair Fonseca, João Alexandre Peschanski. São Paulo: UNESP, 2015.